

A PRESENÇA DAS IGREJAS ORIENTAIS NO BRASIL: AUTO COMPREENSÃO, PERSPECTIVAS E DESAFIOS

A IGREJA GRECO-CATÓLICA UCRANIANA

The Ukrainian Greek-Catholic Church

Dom Volodemer Koubetch, OSBM¹

Parece ser muito difícil encarar a abordagem sugerida. Estando na situação de comodismo em cuidar exclusivamente do seu “mundo” particular e específico – sua comunidade, sua capela, sua colônia, sua paróquia, sua ordem religiosa, sua congregação, sua eparquia, seus movimentos, suas pastorais – falta certa habilidade e até mesmo coragem para examinar e interagir com uma realidade muito mais desafiadora, abrangente, exigente e rica, além das suas próprias fronteiras, em geral fortemente fechadas: a bastante complexa realidade das Igrejas Orientais no Brasil – Ortodoxas e Católicas.

Com o impulso do presente simpósio a uma reflexão conjunta, espera-se contribuir ao menos um pouco na busca de uma visão realista e objetiva da nossa realidade eclesial, com o intuito de fortalecer as nossas respectivas instituições e poder prosseguir a nossa história, produzindo frutos do Reino e um serviço (diaconia) melhor à Igreja de Cristo e também à humanidade.

Nesta colocação, será invertida a ordem dos elementos propostos: 1) autocompreensão, 2) desafios e 3) perspectivas, em cujas linhas tenta-se apontar alguns delineamentos de ação concreta.

¹ Bispo Eparca da Eparquia de São João Batista dos Ucrânianos e doutor em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica

1 Autocompreensão

Compreender a si mesmo, situado em seu próprio ambiente vital e existencial é algo fundamental para continuar a vida e a existência humana de forma qualificada, produtiva, podendo trabalhar mais eficazmente, interagir e progredir em todos os sentidos. Seria o mesmo que autoconsciência – consciência de si. A autocompreensão e autoconsciência autêntica levam necessariamente à crítica e autocrítica, propiciando-lhe maior legitimidade e depois eficiência, produtividade. Mas qual é o conteúdo central da autocompreensão? Pode ser a consciência do passado histórico e da realidade presente, racional e criticamente elaborada, a partir da qual se construiria o futuro. Ninguém faz algo a partir do nada. Mas parece que o conceito de identidade responde melhor à questão, pois na identidade pessoal e social está embutida a consciência histórica. Autocompreender-se e ter consciência de si, é buscar a própria identidade, no nosso caso, a identidade histórica, étnica, cultural, religiosa, espiritual, moral, eclesial e teológica. Evidentemente, o nosso foco é a autocompreensão eclesial.

A Igreja Greco Católica Ucrâniana no Brasil conta com uma história de mais de 120 anos, com suas dificuldades contextuais próprias, ganhos e perdas, equívocos e ambiguidades, acertos e desacertos, os quais não é o momento de analisá-los e evidenciá-los; são simplesmente lembrados para a autoconsciência e autocrítica geral. Como exemplos positivos, temos: as boas estruturas paroquiais; a dedicação da ordem basiliana, das congregações religiosas femininas e do instituto secular nos trabalhos pastorais; a pastoral catequética; o trabalho dos Conselhos Administrativos Paroquiais; a missão espiritual de movimentos eclesiais, como o Apostolado da Oração entre os adultos, a Congregação Mariana entre os jovens, o Movimento Eucarístico Jovem entre os adolescentes. Os elementos preocupantes são: para muitos celebrar a Divina Liturgia em português significa abandonar o rito e a cultura ucraniana; a falta de recursos humanos e financeiros; a acelerada assimilação – somos uma minoria em um oceano multicultural, muito diferente das nossas matrizes culturais; o hibridismo litúrgico – nossa prática litúrgica deixa-se influenciar muito facilmente pelos elementos do rito latino; a falta de discernimento e senso de pertença à Eparquia – muita gente tem vergonha de ser membro da Igreja oriental; outros, por falta de instrução, por indiferença ou ainda comodidade, frequentam a Igreja latina mais próxima, porque “Deus é um só”, “tudo é a mesma coisa”; a diminuição das vocações sacerdotais e à vida consagrada; a insuficiente formação

presbiteral, inclusive do ponto de vista teológico e, mais ainda, do ponto de vista oriental; a falta de líderes leigos.

Essa é uma descrição da consciência real da realidade eclesial “ad intra” de uma Igreja específica – a Igreja Católica Ucrâniana. É muito pouco conhecida a realidade interna de outras igrejas, tanto católicas como ortodoxas. Quando se dirige o olhar “ad extra”, imediatamente nota-se o isolacionismo, o que anula e impede a autoconsciência e ação coletiva. Nos últimos anos, adotou-se a prática de participar das Assembleias da CNBB, a regional dos Bispos do Paraná e a geral de todos os Bispos do Brasil. A CNBB, regional e geral, em princípio congrega também as Igrejas Orientais no Brasil; mas, na prática, a participação oriental na Assembleia Geral é simplesmente medíocre. Ou seja: como coletividade eclesial oriental somos muito fracos.

Em tal contexto, torna-se difícil pensar em algo maior: possibilidade de integração e colaboração, que se concretizaria numa determinada ação conjunta, ao menos em nível católico. E se as coisas não vão tão bem “ad intra”, no âmbito específico das Igrejas Orientais Católicas, o que dizer “ad extra” sobre a aproximação e o diálogo ecumênico com os nossos irmãos ortodoxos e protestantes?

2 Desafios

O que foi relatado acima, descrevendo sem maquiagem ou eufemismo a realidade concreta, já dá o tom altamente desafiador da presente temática. As dificuldades e os desafios realmente são enormes e até amedrontadores.

Outros questionamentos podem desvelar ainda mais a atual problemática: Como ser orientais fora da origem geográfica oriental? Como manter a identidade oriental na situação de “diáspora”. É correto falar sobre a nossa situação eclesial além dos contornos geográficos centrais em termos de “diáspora”? Conceitos como “patriotismo” cabem no discurso sobre a vida eclesial em contexto de “diáspora”? Como trabalhar a enculturação do rito? Como conter a assimilação? É possível contê-la? Como?

Compreender-se como uma igreja cristã católica oriental bizantina ucraniana brasileira: o que isso significa? É no último adjetivo que as coisas se encaixam ou se embaralham. De qualquer forma, precisamos sempre mais trabalhar a nossa identidade. Mas estamos falando sobre Igrejas Orientais Católicas e Ortodoxas no Brasil, onde precisamos buscar uma autocompreensão comum. Já a buscamos alguma vez? Quando? De que forma? O que fazer para um trabalho comum mais eficaz e para a unidade “ad

intra” entre as eparquias orientais brasileiras? O que fazer “ad extra” em termos de ecumenismo?

3 Perspectivas

Se é a primeira vez que, num simpósio, estamos buscando conjuntamente a nossa autocompreensão, qual é o princípio ou conceito que poderia nos encaminhar nessa tarefa?

Sem dúvida, o conhecimento é um deles: o conhecimento da dignidade, pois todas “estas Igrejas têm a mesma dignidade, de tal maneira que nenhuma delas está à frente das demais por razão de rito” (OE 3); o conhecimento mútuo, com a consequente colaboração, visando concretizar a vontade de Cristo para que realmente “todos sejam um” (Jo 17,21), ou seja, Cristo propõe e quer a união, a unidade.

Conhecer as riquezas do Oriente cristão, tanto ortodoxo como católico, sem dúvida aumentará e configurará melhor identidade de cada Igreja e certamente facilitará o compromisso ecumênico, abrindo um caminho mais largo e mais suave do caminho da unidade em todo o povo de Deus, fiéis e pastores.

O presente simpósio leva a acreditar, ao menos em nível acadêmico, sob as luzes do Espírito, que ele pode se constituir numa primeira iniciativa muito valiosa no sentido de fazer imediatamente um esforço de aproximação, confluência de energias e ideias, e de encubar planos ou projetos a fim de fortalecer e integrar as Igrejas Orientais no Brasil.